

Extensão: Uma Ferramenta para a Flexibilização Curricular e a Construção Social do Conhecimento

ADILSON PEREIRA DOS SANTOS* - ANGÉLICA ALVES LIMA** -
MARIA RUTH G. GAEDE CARRILLO*** - NEIDE DAS GRAÇAS DE SOUZA****

Recebido: 12/06/05

Aprovado: 08/08/05

* Pedagogo, Pró-Reitor Adjunto de Graduação - Universidade Federal de Ouro Preto - Campus Morro do Cruzeiro - Ouro Preto - MG - CEP 35400000. adilson@prograd.ufop.br

** Doutora em Bioquímica Departamento de Análises Clínicas - Universidade Federal de Ouro Preto. Rua Costa Sena, 171 - Ouro Preto - MG - CEP 35400000 angelica@ef.ufop.br

***Doutora em Ciências Pedagógicas - Departamento de Análises Clínicas - Universidade Federal de Ouro Preto. Rua Costa Sena, 171 - Ouro Preto - MG - CEP 35400000 mrgaede@ef.ufop.br

**** Mestre em Literatura Brasileira. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura - Universidade Federal de Ouro Preto. Rua Coronel Alves, 55 - Ouro Preto - MG - CEP 35400000 neide@feop.com.br

Resumo: Este trabalho analisa a extensão universitária como possibilidade de implantação/implementação da flexibilidade curricular, com base numa metodologia que valoriza a produção social do conhecimento na graduação. Apresenta ainda a posição que ocupa a extensão em relação às outras atividades universitárias (ensino e pesquisa), fazendo uma reflexão crítica sobre o privilégio conferido à pesquisa em detrimento das duas outras. Discute as bases de fundamentação da flexibilidade curricular e apresenta uma experiência desenvolvida por docentes, técnicos e discentes, vinculados aos cursos de Farmácia, Nutrição e Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, em que também aspectos importantes da metodologia da extensão são enfatizados.

Palavras-chave: avaliação e extensão; extensão universitária; flexibilidade curricular; construção social do conhecimento.

Extension: a tool to curriculum flexibility and the social construction of knowledge

Abstract: This paper analyzes the contribution of university extension to the introduction and implementation of curriculum flexibility, based on a methodology that values the social production of knowledge in undergraduate teaching. It also looks at the place of extension among the other university activities (teaching and research), critically reflecting on the privilege given to research over the other two. Finally, the paper discusses the bases of curricular flexibility and an experience report developed by teachers, technicians and students of the Pharmacy, Nutrition and Scenic Arts programs from the Federal University of Ouro Preto, through which important aspects of the curricular flexibility and extension methodology are emphasized.

Key words: Evaluation and extension; University extension; Curriculum flexibility; Social construction of knowledge.

1. O lugar da extensão universitária em relação às atividades acadêmicas na estrutura curricular da graduação

Embora o tripé ensino-pesquisa-extensão seja amplamente alardeado como a base da universidade, o que se observa na prática é a situação de privilégio da pesquisa, seguida do ensino, e o descaso, quase que total, com as atividades de extensão, assim como com aqueles que as realizam. A situação pode ser comprovada nas avaliações de docentes, em que a pontuação para essas atividades é inexpressiva, além de não conferir títulos, nem prestígio aos profissionais (docentes, discentes e técnicos) que as desenvolvem.

O ensino, de maneira geral, é entendido como sendo a porta de entrada para a atividade de pesquisa. Dessa forma, há um certo mal-estar circundando o fazer acadêmico e acometendo docentes e discentes, no que diz respeito ao ensino, quando entendido como atividade menor, em comparação à pesquisa. Como há, porém, carência de práticas inovadoras na área educacional ocorre, para o ensino, um certo desencanto compartilhado. Por causa disso, talvez, a perspectiva da pesquisa mobiliza professores e alunos, uma vez que os projetos representam crescimento dos currículos, diferenciais na produção e, conseqüentemente, diferenciação nos salários, atribuição de bolsas, distribuição de vagas para professores, etc.

E a extensão? Parece um tanto menosprezada, uma vez que resulta em trabalho extra, sem retorno imediato, quando se considera a competição em termos de trabalhos de pesquisa publicados. Isso porque ainda não se utiliza todo o potencial da extensão, nem se percebe a sua riqueza como ponte entre as atividades de ensino e pesquisa, como pode acontecer nas áreas de saúde e educação.

A extensão constitui-se numa proposta por meio da qual se torna mais viável a interdisciplinaridade, como intercâmbio de saberes dentro e fora da universidade. As atividades de extensão têm a capacidade de articular várias áreas das ciências em torno de um projeto comum, com o qual os conhecimentos produzidos podem ser socializados e reconstruídos em parceria com a comunidade. Dessa maneira, reafirma-se na prática a conquista de novos objetivos para o ensino, reanimando tal dimensão e, por outro lado, gerando projetos de pesquisa socialmente contextualizados.

De um ponto vista mais amplo (externo), as atividades de extensão em instituições públicas podem se converter efetivamente em contrapartida institucional para a sociedade, sua mantenedora.

É à luz desse potencial da extensão que os autores deste trabalho a consideram mecanismo ou ferramenta importante para viabilização da flexibilidade curricular, refletida pela produção social do saber.

2. Flexibilidade curricular: da formação do profissional/técnico para a formação do profissional/cidadão

A idéia de flexibilidade curricular vem contrapor-se à concepção pedagógica até então dominante, de que currículo é, em sentido limitado, grade curricular. A flexibilidade propõe reconceituação de currículo, conferindo-lhe significado mais amplo e consistente. Entre outros aspectos, currículo passa a ser compreendido como o conjunto das experiências escolares de conhecimento proporcionadas aos estudantes, e construídas na escola, nos acordos e conflitos diários, em sintonia com o contexto socioeconômico e político em que está inserida (Salgado, 2002). O currículo, pois, abrange tudo que acontece na escola de forma explícita e/ou oculta.

Historicamente, as instituições de ensino superior organizam o currículo em grade (currículo mínimo), estruturado em créditos e pré-requisitos, cabendo aos estudantes a integralização de acordo com uma seqüência determinada previamente. A flexibilidade, por seu turno, parte de uma reflexão sobre o papel da graduação para a formação mais abrangente e não apenas voltada para uma atividade profissional ou técnica específica.

A flexibilidade curricular que ora se configura no Brasil vem se materializando com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação, recentemente aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, e procura sobrepor-se ao currículo mínimo. Tais diretrizes trazem consigo alguns pressupostos filosóficos segundo os quais as instituições universitárias têm de assegurar aos graduandos a oportunidade de:

- ter visão holística do ser humano como sujeito e das relações entre vida, natureza, cultura e sociedade;
- valorizar a dinâmica das relações entre o local e o universal;
- considerar os valores estéticos, políticos e éticos;
- saber lidar com a pluralidade e diversidade tendo em vista a inclusão;
- situar-se diante das condições históricas da produção do conhecimento e suas implicações atuais;
- conceber as tecnologias da informação como ferramentas indispensáveis;
- ser capaz de articular a graduação/formação com instituições sociais e políticas;
- estimular a participação, convivência, ação;
- ter autonomia, conhecer gestão democrática e colegiada;
- associar teoria e prática (ação-reflexão-ação);
- considerar a graduação como formação inicial;
- considerar a importância da educação continuada e a distância para a capacitação permanente.

É sabido que hoje se vive um processo de constantes e rápidas mudanças, envolvendo problemas cada vez mais complexos, cuja resolução depende da interligação entre os saberes, conhecimentos e disciplinas. Mas o que ocorre na universidade é a visão fragmentada desenvolvida pelo enfoque específico de cada disciplina, que avalia os problemas a partir de determinado ponto de vista, o que faz Feuerwerker destacar:

A interdisciplinaridade é uma das chaves para a superação desse desafio. Propõe uma orientação para o estabelecimento da síntese dos conhecimentos, se não chegando a um conhecimento humano em sua integridade, pelo menos levando a uma perspectiva de convergência e de interação dialética dos conhecimentos específicos. (Feuerwerker, 2002)

Considerando-se os fundamentos e pressupostos da flexibilidade curricular, a extensão torna-se um dos mecanismos efetivos da interdisciplinaridade. Nessa perspectiva, na Universidade Federal de Ouro Preto, desde 2000, vem se desenvolvendo o Projeto de Extensão Educação para a Saúde, baseado em uma perspectiva educativa que busca mobilizar as práticas de ensino afinadas com a temática, bem como instrumentalizar e sensibilizar os graduandos para práticas sociais construtivas e viáveis. Trata-se de amplo programa ao qual estão vinculados docentes e técnicos-administrativos de diversos setores da instituição e discentes dos cursos de Farmácia, Nutrição e Artes Cênicas.

O Projeto parte do princípio de que a dimensão social e educativa dos graduandos deve ser considerada desde o início da formação dos estudantes, por meio da vivência de práticas multiprofissionais nos cenários dos serviços e da comunidade, de modo a que eles enfrentem problemas reais ao longo de sua formação, conforme sugere Feuerwerker (2000).

O estudante universitário, tendo conseguido seu lugar na instituição federal, insere-se neste contexto, fechando-se num universo de obrigações e deveres bastante novos e, por vezes, contraditórios. Por um lado, pela saída da casa dos pais, propiciando a maturidade; por outro, pelo encontro com os colegas, possíveis amigos, numa rede de convivência afetiva rica e conflituosa. Descortina-se um quadro de exigências acadêmicas ou abre-se um universo de prazeres.

Tudo isso pode levar os estudantes à ilusão de estarem desvinculados do contexto exterior à Universidade. Nem sempre está presente a consciência de ocupar um lugar na universidade pública e de haver significado político. Para isso os projetos de extensão são fundamentais nesse processo de emergir do mergulho de *Narciso*¹ ou mesmo para essa necessidade de encontrar um sentido para este fazer de *Sísifo*², que supõe uma tendência à estagnação. O fato é que a Universidade ocupa um espaço e um tempo presentes nas cidades (Ouro Preto e Mariana), que têm problemas sociais

bastante visíveis, sérios demais para serem ignorados. É inconcebível que o lugar privilegiado de construção de saber não seja também o espaço da socialização, da comunicação e da discussão desse mesmo saber. Nesse particular, a atividade de extensão deve ser entendida como oportunidade ímpar de desenvolvimento das noções de cidadania e co-responsabilidade social mediante as situações inviáveis de sobrevivência saudável em inúmeras populações.

Concebida e metodologicamente organizada à luz desse contorno, a extensão universitária dimensiona a produção do conhecimento como uma construção social, inscrita no contexto. Nessa perspectiva, o foco da elaboração do saber perde seu caráter predominantemente unilateral convertendo-se em um modelo de construção social, conforme Thiollent (2002).

A experiência com projetos extensionistas que envolvam o diálogo com a comunidade se revela uma alternativa bastante satisfatória para o imobilismo que se instala em tantos jovens, professores e estudantes, e mesmo para a compreensão do dever social distanciado das demagogias rotineiras. Ao se deparar com seu potencial de ação, os estudantes revalorizam-se como profissionais e redimensionam-se em torno da importância das atividades coletivas, seja nas práticas sociais ou na pesquisa científica que os prepara para atividades de ensino e de pesquisa em conjunto com a comunidade. Diante do exposto, a extensão, como processo de produção de conhecimento, responde efetivamente às exigências das novas diretrizes curriculares, que requerem a formação de sujeitos pró-ativos e comprometidos socialmente.

Com a nova abordagem metodológica da extensão e do ensino, poderão ser atendidos pelo menos dois aspectos importantes. O primeiro diz respeito às novas demandas da sociedade e do ensino de graduação e o segundo refere-se à contribuição para o rompimento da visão unilateral da produção do conhecimento e do dualismo produção/difusão, segundo o qual, para Thiollent (2002), se revela um equívoco.

A comunidade, com tendência a olhar com desconfiança a universidade, ou ainda a ver os estudantes universitários com a expectativa do mercado consumidor local, tem, a partir do projeto de extensão, a possibilidade de construir um novo olhar ou uma nova relação que poderia ser mais proveitosa para ambas as partes. Logo, o valor da universidade e daqueles que a representam pode vir a ser reinterpretado quando se desenvolvem práticas compartilhadas de saber junto à comunidade.

Em contato com a comunidade, o conhecimento advindo da extensão pode tornar-se um conhecimento co-construído no processo reflexão-na-ação (Thiollent, 2002). Instala-se a oportunidade de construção coletiva do saber.

A extensão, como processo de produção de conhecimento, responde efetivamente às exigências das novas diretrizes curriculares, que requerem a formação de sujeitos pró-ativos e comprometidos socialmente.

3. O Projeto Educação para a Saúde: a participação na construção do conhecimento em saúde pública

O Projeto Educação para a Saúde, já mencionado, é concebido como uma proposta pedagógica para a graduação e para o currículo, convertendo-se numa alternativa metodológica baseada na participação, por meio da qual os estudantes e seus respectivos orientadores, em aliança com a comunidade, têm a possibilidade de, vinculando teoria e prática, buscar a produção de um novo saber e a transformação de uma realidade e dos próprios sujeitos imbricados.

O Projeto favorece a participação ativa dos estudantes, permitindo que entrem em contato direto com problemas de saúde da comunidade e participem na elaboração e execução de atividades que serão realizadas junto à população, comprometendo-se e responsabilizando-se pelas suas ações, resolvendo os problemas que surgem, avaliando as experiências vivenciadas, as quais lhes proporcionam uma forma de interação importante para a formação pessoal e para sua formação profissional. O Projeto em questão respeita uma seqüência metodológica específica, que será descrita. Inicia-se pela motivação dos estudantes para atuar junto à comunidade. Nesta etapa é proposta uma série de ações a serem desenvolvidas por eles fora da universidade, em contato direto com a comunidade, sob a orientação de uma equipe multidisciplinar³. A orientação não significa apontar ao educando o que deve ser feito e como fazê-lo. O orientador disponibiliza algumas linhas ou diretrizes, usando seus conhecimentos, técnicas e recursos pedagógicos, e estabelecendo um processo de comunicação com os estudantes e, por conseguinte, destes com a(s) comunidade(s) e entre seus pares. A troca de experiências desde a definição das ações a serem desenvolvidas proporciona um espaço de reflexão, intercâmbio de idéias, tomada de decisões, tendo em vista a implementação das intervenções, inclusive atividades não previstas inicialmente e enunciadas pelo processo de participação/construção coletiva. Essas situações de aprendizagem constituem não só um espaço de fortalecimento da motivação profissional social mas também permitem aos estudantes a independência/autonomia de suas funções, autodeterminação, capacidade de tomar decisões em relação às atividades da vida profissional futura pelas quais se sintam comprometido e responsável. Paralelamente à preparação dos estudantes, contatos são estabelecidos com a comunidade, visando a apreender expectativas e contribuições ao Projeto.

Conforme já destacado, o Projeto vem sendo desenvolvido desde 2000. Da sua primeira edição até então, foi significativamente modificado pelas contribuições apresentadas pelos diversos atores sociais: docentes, discentes, técnicos e comunidade. A possibilidade de formar o profissional competente e o cidadão é o que mais tem surpreendido a instituição. Por outro lado, os universitários que se envolveram com o Projeto foram enfáticos em afirmar que a experiência foi extremamente importante para a ampliação de conhecimentos sob a ótica social, o que tem consonância com o

que diz Zayas (1997), analisando a perspectiva sociológica do problema educativo, em que “a necessidade do conhecimento da sociedade e, em particular, da microsociedade (a comunidade) são essenciais”. Em 2002 e 2003 o Projeto Educação para a Saúde foi desenvolvido na Escola Estadual Desembargador Horácio Andrade (EEDHA), situada no bairro Alto da Cruz, em Ouro Preto, que oferece Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) e Médio, em três turnos, para cerca de 1000 estudantes. Pela sua localização tem o caráter de instituição-pólo na região: seus estudantes originam-se de aproximadamente oito bairros, de nível socioeconômico das classes menos favorecidas. O desenvolvimento do trabalho apresentou as seguintes etapas:

- a) Reunião com direção e corpo docente da EEDHA.
- b) Preparação dos bolsistas e demais estudantes envolvidos, pela aferição do nível de conhecimentos sobre alguns aspectos relativos a saneamento básico e saúde no município do Ouro Preto. Organizados em pequenos grupos, os estudantes dos três cursos responderam a um pequeno questionário abordando os temas em foco; em seguida a coordenação do Projeto apresentou os dados oficiais e realizou um debate com os participantes. A etapa encerrou-se com a apresentação do Projeto aos estudantes.
- c) Projeção e discussão com os estudantes do vídeo educativo “Vida de rua”⁴, dirigido por Helvécio Ratton.
- d) Avaliação inicial realizada pelos estudantes da EEDHA acerca do nível de conhecimentos em relação aos temas que mais tarde seriam abordados pelos estudantes de Farmácia na forma de palestras: métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Levantamento das principais dúvidas.
- a) Organização dos grupos de estudantes da UFOP conforme as tarefas a serem desenvolvidas.
- b) Visitas dos estudantes da EEDHA à UFOP (Escola de Farmácia, Escola de Nutrição e Instituto de Filosofia, Artes e Cultura).
- c) Apresentação e discussão dos temas das palestras e oficinas, com a direção e professores da EEDHA
- d) Apresentação das palestras e oficinas pelos estudantes da UFOP para o público-alvo (estudantes da EEDHA).
- e) Avaliação das etapas o Projeto com os estudantes da UFOP e da EEDHA

Na tabela 1, há uma apresentação dos temas trabalhados e dos procedimentos metodológicos e educacionais desenvolvidos na comunidade da Escola Estadual Desembargador Horácio Andrade.

Tabela 1

TEMAS SUGERIDOS	RESPONSÁVEIS	PÚBLICO ALVO	APRESENTAÇÃO
1 Doenças Sexualmente Transmissíveis, Métodos Contraceptivos. 2 – Apresentação da Escola de Farmácia e da profissão de Farmacêutico.	FARMÁCIA Ao final, os alunos do curso de Artes Cênicas coordenaram uma apresentação teatral coletiva envolvendo alunos de ambas escolas.	7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.	*Aula expositiva, com recursos audiovisuais e kit de educação sexual. *Visita à Escola de Farmácia da UFOP, com destaque para os laboratórios. *Esquete teatral
2 – Dietas x Reeducação Alimentar: dietas e acompanhamento com o Nutricionista - Pirâmide alimentar e o aproveitamento correto dos alimentos.	NUTRIÇÃO E ARTES CÊNICAS	8ª série	*Esquete teatral *Debate
4 – Uso do álcool e fumo e suas conseqüências para a saúde.	NUTRIÇÃO e FARMÁCIA	Ensino Médio	* Aula expositiva e debate. *Debate
5 – O consumo de doces – balas, chocolates, pipocas, chicletes, etc. – e suas conseqüências para a saúde.	NUTRIÇÃO E ARTES CÊNICAS	Ensino Fundamental	*Teatro de fantoches *Debate
7 – A utilização dos chás e sua verdadeira eficácia nos processos de saúde.	NUTRIÇÃO	Ensino Fundamental	*Oficina *Debate
8 – Aproveitamento integral dos alimentos, uma alternativa saudável. A.	NUTRIÇÃO	Ensino Médio	*Oficina *Discussão
9 – Rótulos – orientação ao consumidor (comunidade) Higienização dos alimentos e alimentação saudável	NUTRIÇÃO	Ensino Médio	*Oficina *Discussão
10 – Higienização corporal	NUTRIÇÃO E ARTES CÊNICAS	Ensino Fundamental	*Teatro de fantoches *Questionário (jogo) *Debate
11 – Apresentação da Escola de Nutrição	NUTRIÇÃO	1ª série do Ensino Médio	* Visita programada
12 – Apresentação do curso de Artes Cênicas	ARTES CÊNICAS	1ª série Ensino Médio	* Visita programada e apresentação de teatro.

4. Reflexos do Projeto para os estudantes

No que se refere ao curso de Farmácia, cabe salientar que em todo o mundo vêm ocorrendo processos de mudança nas áreas de exercício profissional do farmacêutico, o que evidentemente influi diretamente sobre o processo educativo. No Brasil, há cerca de duas décadas, iniciou-se um processo de reorientação no ensino de Farmácia, sendo realizados vários debates sobre o tema, em diversos eventos de caráter nacional. Destaca-se, nessas discussões, o delineamento de um perfil profissional que, além da qualificação técnica, desempenhe um papel social, ou seja, mais do que um profissional, o farmacêutico deve ser um profissional-cidadão.

Analisando os currículos de algumas escolas de Farmácia do país, observa-se que a formação social do farmacêutico quase não é contemplada, embora sua atuação seja essencialmente na comunidade. É importante ressaltar que seu campo de trabalho prioritário é com a população prestando assistência farmacêutica e de laborató-

rio. A manutenção da boa saúde e a atenção e cuidados oferecidos ao paciente são elementos da vida comunitária. Como atividade social, esta assistência é inseparável da estrutura da vida da comunidade, interagindo com ela em níveis diferentes e de várias maneiras.

Como um indivíduo pode atuar nesse nível se sua formação é principalmente técnico-científica? Os atuais planos de estudo ignoram um lado importante da educação, a formação cidadã do homem. Não há nenhuma preocupação em desenvolver nos estudantes a sensibilidade necessária para o contexto sociocultural no qual atuam como farmacêutico. Além disso, o curso não lhes proporciona os recursos para lidar com a diversidade de características psicossociais de seus clientes. Faltam componentes curriculares que venham conscientizar o futuro farmacêutico da importância social de sua profissão, que abordem os valores éticos e humanos requeridos dos profissionais de saúde, para a necessária qualidade de sua atividade.

Um momento importante na formação do profissional farmacêutico analista clínico ocorre durante os estágios supervisionados, que têm papel relevante na educação e formação dos alunos. Relacionando a prática escolar com a prática profissional, procura trazer a realidade social para dentro de escola e levar a escola para atuar na comunidade. No entanto, da maneira como vêm sendo desenvolvidos, são apenas um complemento da formação universitária, deixando de ser a ligação entre o pensar e o fazer.

Não há consenso dos cursos existentes no país em relação à carga horária dos estágios ou à existência, ou não, da Farmácia-Escola ou do Laboratório-Escola. Em geral esses estágios são realizados fora da instituição, em laboratórios ou farmácias credenciados por professores responsáveis pela disciplina de Estágio Supervisionado. Na maioria dos casos, a prática limita-se à manipulação e dispensação quando em farmácia ou à realização de exames quando em laboratórios, não estando prevista nenhuma atividade que propicie o contato mais direto com a comunidade, que permite aos alunos conscientizar-se da importância de sua atuação como profissional de saúde e desenvolver uma visão coletiva e solidária de seu trabalho. Além disso, os alunos recebem primeiramente toda a teoria e o estágio ocorre somente ao final do curso, simplesmente para cumprir normas nacionais, não se estabelecendo a necessária relação entre a teoria e a prática. Portanto o estágio tem de ser reestruturado como atividade curricular.

Neste particular o Projeto de Extensão Educação para a Saúde revela-se como uma intervenção pedagógica que vem propiciando aos estudantes do curso, particularmente os matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado em Análises Clínicas, uma oportunidade de atuação junto à comunidade, integrando-os a esse novo espaço de aprendizagem. Essa interação contribui para: aplicação/co-construção dos conhecimentos adquiridos e em aquisição durante o curso, aliando a teoria à prática; possibilidade de maior conscientização dos estudantes envolvidos nesse tra-

balho em relação às questões sociais, especificamente no campo da saúde; contribuição para a solução de problemas que afetam a comunidade, usando o saber científico defrontado com o saber popular; destaque para a necessidade de estimular o desenvol-

Que projetos de extensão comprometidos com metodologias participativas e iniciativas na perspectiva da flexibilidade curricular sejam estimulados e valorizados como atividades de formação conseqüente para a graduação em geral.

vimento de hábitos de saúde adequados; proposta de atuação social do profissional farmacêutico analista clínico, contribuindo para sua formação profissional, mediante um sistemático processo de construção coletiva.

Quanto aos estudantes do curso de Nutrição, é interessante observar que, no currículo do curso, estão incluídas várias disciplinas que dizem respeito à formação humanista e político-pedagógica voltada para os compromissos sociais com a realidade contemporânea. No entanto mesmo assim, os projetos educacionais de promoção da

saúde são de extrema importância para a formação teórico-prática desses sujeitos. No caso específico do Projeto Educação para a Saúde, a via de acesso foi a disciplina Práticas Pedagógicas, em que os alunos tiveram a oportunidade de discutir a necessidade e importância de projetos educacionais na área de saúde, do seu caráter preventivo, bem como estudar algumas das principais técnicas de ensino, ou seja, algumas maneiras de fazer girar o saber. Logo o melhor modo de aprender é justamente colocar em prática as discussões realizadas durante o curso, conforme relato de todos os alunos que até o momento já fizeram parte do trabalho. Posteriormente, o Projeto passou a contar com a presença da professora e dos conteúdos da disciplina Técnica Dietética, que muito colaborou para a interdisciplinaridade da proposta bem como para sua real efetivação, utilizando-se do laboratório da referida disciplina⁵.

É bastante significativo os estudantes se reconhecerem comprometidos com as temáticas tratadas e com a comunidade em questão, passando a confirmar a importância do desenvolvimento de temas aparentemente simples e do seu próprio potencial de atuação como profissionais. Se a tendência inicial é repetir as técnicas tradicionais de ensino, como a aula expositiva, logo tal procedimento vai sendo substituído por outros, como o debate e a oficina, que resultam em práticas mais interativas, bem mais envolventes e criativas, em que a relação unilateral de detentores do conhecimento dá lugar a uma postura profissional mais participativa e socializante.

A incorporação de alunos do curso de Artes Cênicas ao Projeto se deu a partir da necessidade dos alunos de Farmácia e de Nutrição, que, visando a intervenções na comunidade, muitas vezes lançavam mão de recursos teatrais, sem que fossem dotados de recursos técnicos adequados para tal. A chegada dos estudantes de Artes Cênicas ao Projeto representou um avanço extraordinário uma vez que permitiu o alargamento

mento dos horizontes dos até então envolvidos, oriundos de área do conhecimento afim, assim como contribuiu para o aperfeiçoamento das intervenções pedagógicas em termos de qualidade. Acresceram-se os recursos lúdicos e houve significativa ampliação da interdisciplinaridade e integração entre os estudantes da Universidade e os do Ensino Fundamental e Médio.

Essa experiência na UFOP trata-se, portanto, de uma parceria inédita e profícuca, sobretudo no que se refere ao despertar, nos futuros profissionais, da compreensão de que nenhuma área do conhecimento é absoluta e/ou uníssona, destacando-se a necessidade de desfronteirização do saber em favor da transformação social. Os frutos até aqui colhidos com o Projeto permitem concluir que se tem assistido com frequência ao tão almejado diálogo entre os universitários e a comunidade numa composição que dá lugar à verdadeira troca de saberes e conseqüentemente à co-construção do conhecimento.

Em face de tudo o que até aqui foi exposto, faz-se necessário destacar a necessidade de que projetos de extensão comprometidos com metodologias participativas e iniciativas na perspectiva da flexibilidade curricular sejam estimulados e valorizados como atividades de formação conseqüente para a graduação em geral.

Vale lembrar que, paralelamente ao desenvolvimento do Projeto, periodicamente é realizada uma avaliação de todas as suas etapas pelos diversos sujeitos envolvidos. Até o momento, a participação tem sido crescente, confirmando a demanda pelo desenvolvimento dos temas que a princípio encontravam uma tímida receptividade. Hoje os próprios estudantes da EEDHA têm solicitado à UFOP novas intervenções e trabalhos, sendo que alguns já manifestam inclusive o interesse em realizar cursos superiores em Farmácia, Nutrição e/ou Artes Cênicas. Merece destaque, neste particular, o fato de um público até então desmotivado passar a incluir em seus sonhos o desejo de chegar à Universidade.

Por outro lado, os graduandos envolvidos insistem com os docentes coordenadores do Projeto, demandando continuidade, já que eles se sentem valorizados e conscientes da força social da proposta. Além disso, o sonho maior, que era estabelecer um campo de comunicação entre saberes acadêmicos e saberes populares, vem se configurando numa prática de grande riqueza para todos os envolvidos. Seria o sonho da universidade extra-muros se configurando (Rezende, 1994) e justificando assim o para quê da extensão universitária?

Referências Bibliográficas

- FEUERWERKER, Laura. A construção de sujeitos no processo de mudança da formação dos profissionais de saúde. In: *Divulgação em Saúde para Debate*. Rio de Janeiro n.22, p.18-24, 2000.
- REZENDE, Maria Lucia. *Saúde, dialética do pensar e do fazer*. São Paulo: Editora Cortês, 1994.
- SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. O Significado das novas diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação. Belo Horizonte, 2002. mimeo.
- THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. In: *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*, João Pessoa – PB, 2002.
- ZAYAS, Rita Maria Álvarez de. *Hacia un currículo integral y contextualizado*. Editorial Academia, Ciudad de La Habana, 1997.

Notas

- ¹ Personagem da mitologia grega que, embevecido com a própria beleza e apaixonado pela própria imagem, sucumbiu no espelho das águas.
- ² Sísifo, outra personagem da mitologia grega, viu-se obrigado a passar a vida a empurrar uma enorme pedra montanha acima, para ao chegar ao cimo, vê-la rolar de novo morro abaixo.
- ³ A equipe é composta por farmacêuticos, nutricionistas, pedagogos, psicólogos e diretores teatrais. O apoio de outros profissionais é solicitado em decorrência da necessidade eventualmente surgida.
- ⁴ Projeto HIV para jovens – UFMG/JHU (EVA).
- ⁵ O Projeto contou com a participação da Professora Margareth Aparecida Corrêa, responsável pela disciplina Técnica Dietética.